

MÁRIO DE ANDRADE

Inquérito da Editora Macaulay

The Macaulay Company wants this information:

1 — Do you plan in the immediate or near future to take any trips, whether in this country or abroad.

2 — Are you interested in collecting first editions? If so, what authors do you favor and what first editions do you possess that you prize?

3 — Do you write your novels in long-hand, on the typewriter, or do you dictate?

4 — Do you keep a regular schedule for work hours and if so, what is this schedule? If you do not, perhaps you have a pet antipathy concerning routined schedules for yourself. Have you?

5 — Do you find that writing novels occupies all your time? Or do you find time for others forms of endeavor — Wheter this be play-wrighting, short writing, newspaper work, gardening, farming painting, etc.

6 — Who are your favorite writers and what sort of reading interests you most?

7 — Who, among well known writers, do you know personally? If you could recall and include in this answer any anecdote or anecdotes concerning such friends we would be most appreciative.

8 — Have you ever lived in Europe or the Orient? If so, when and in what part? Were your neighbors artists or writers, and if so who were they? Any anecdote or anecdotes you might recall would be appreciated.

9 — Where would you really prefer to live — any place other than you are? In the event you wish to live elsewhere, will you give us the reason why?

10 — When you are working on a novel, what your favorite sort of relaxation? Some people find relaxation in a long walk, a motion picture,

the theatre, a game of bridge, golf, or tea with one or more friends. How do you find it?

11 — If President Roosevelt were to ask the writers of the country to prepare a working code, what ideas would you voice on this deadly query having to do with self preservation?

12 — When you are engrossed in writing, do you like to smoke cigarettes or chew gun? Have you any characteristics subtly associated with your work? Some people lapse absent-minded and drop cigarette ashes to the floor. Others have been known to chew their pencils, to roll scraps of paper into pellets, even to yank at their hair. What characteristics have you. Have you ever tried to break yourself of such characteristics? We would appreciate a detailed answer to this.

13 — If no one was to read the answer to this question, what would you confess was your pet hate, your most exciting experience, your greatest regret, your greatest joy, your greatest hope?

[Inquérito da Editora Macaulay. Nova Iorque — São Paulo, 1933. (Documentação vária — Arquivo Mário de Andrade — IEB — USP)]

Resposta ao inquérito sobre mim pra Macaulay*

1 — Não planejo nenhuma viagem fora de meu país atualmente. No meu país porém, talvez no fim deste ano de 1933, farei uma viagem bastante curiosa pelo sertão de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, estudando o fenômeno das secas e do banditismo dessa parte do país. Aproveitarei também a ocasião para completar o meu livro sobre a música e poesia popular dessa parte do Brasil.

2 — Sim, sou bibliófilo. Além de primeiras edições raras de obras sobre o Brasil, coleciono grandes edições de luxo, em grandes papéis e ilustradas por grandes gravadores modernos. Possuo a primeira edição da

(*) Telê Porto Ancona Lopez, que pesquisou as entrevistas concedidas por Mário de Andrade, acredita que este inquérito tenha sido feito para o lançamento da tradução norte-americana de *Amar, verbo intransitivo, (Fraulein)*, realizada por Margaret Richardson Hollingsworth e publicada pela Macaulay de New York em 1933. O questionário mimeografado foi enviado pela tradutora, que anotou a tinta preta, no alto da página: "The Macaulay Company wants this information", acrescentando o endereço no verso da página. Mário respondeu à máquina, usando frente e verso de uma página verde, tamanho ofício. O documento encontra-se no Arquivo do escritor no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, em Documentação vária.

ópera *Il Guarany* de Carlos Gomes; as *Reise in Brasilien* de Spix e Martius; a *Voyage Pittoresque dans le Brésil* de Rugendas, com as suas maravilhosas gravuras. Desta última tenho também alguns dos desenhos originais que serviram para a gravação. Entre as minhas edições modernas de grande luxo, prefiro as francesas, que são geralmente as mais completas quanto a livro considerado como obra-de-arte. Assim as edições *Les Algues*, ilustradas por Aleieff (*Siegfried et le Limousin* de Giraudoux, *Bouddha Vivant* de Morand). As *Villes Tentaculaires* ilustradas com litos de Brandwyn. A edição de *Un Amour de Swann* de Proust, com as águas-fortes de Laprade, que é uma verdadeira obra-prima, como equi-líbrio de tipografia e gravura, correspondentes ao estilo do escritor. E muitas outras mais, com gravuras de Picasso, de Léger, de Chirico, de Dunoyer, de Segonzac e outros grandes nomes da plástica modernista. Meus papéis de luxo preferidos são o Madagáscar e o Holanda moderno, da casa Pannekoek.

3 — Em geral escrevo diretamente à máquina. Sou muito afetivo e por isso dedico um verdadeiro amor humano às coisas que me cercam. Minha Remington, por exemplo, se chama Manuela, com o que eu fundo no mesmo carinho a máquina e o meu melhor amigo, que se chama Manuel. Já está bastante velha, mas embora um pouco ruidosa já, funciona perfeitamente, graças ao meu cuidado com ela. E lhe confesso que, como uma verdadeira amante, ela me tem proporcionado pela sua maneira de ser, seus vícios e suas qualidades, um bom número de idéias aproveitáveis. Já lhe dediquei mesmo um dos meus poemas.

4 — Não tenho nenhum plano regular. Escrevo vários livros ao mesmo tempo, e como que me descanso das preocupações dum, noutro. Às vezes abandono inteiramente o que estou em via de escrever, pra escrever alguma inspiração de momento. Foi o que sucedeu com o *Macunaíma*, por exemplo, escrito numa semana sem parar. Meus livros não se ligam uns aos outros. Quando publico uma obra me desligo completamente dela. Há porém livros que se unem pela mesma pesquisa ou ordem de criação. Assim o *Macunaíma* (o herói sem nenhum caráter) se ligará naturalmente com *João Bobo* e com *O avacalhado*, no que se poderá chamar de *Trilogia do caráter*, em que eu procuro a manifestação do caráter, na lenda (*Macunaíma*), na patologia (*João Bobo*) e na realidade normal (*O avacalhado*). Cumpre notar que minha obra toda, seguindo a tradição intelectual da raça dos paulistas no Brasil, é eminentemente pessimista.

5 — Escrevo meus livros só nas horas vagas de minhas outras ocupações. No Brasil ainda é raro o escritor que pode viver dos seus próprios livros. Me dedico por isso ao jornalismo e ao professorado, que são ocu-

pações sempre de ordem intelectual, e me conservam dentro da minha realidade primeira que é a arte. Gosto porém muito de arte culinária, invento pratos, e creio mesmo que se tivesse nascido noutra classe, seria algum cozinheiro famoso. E gosto enormemente de comer bem.

6 — Não tenho escritores preferidos. Rarissimamente volto a ler um livro de ficção. Em todo caso, poderia citar Molière, Cervantes e Dickens, entre os meus escritores mais queridos. Em todo caso devo confessar que não conheço a obra completa de Dickens. Conheço bastante os escritores modernos norte-americanos, principalmente os que demonstram preocupações socialistas.

7 — Conheci pessoalmente Blaise Cendrars e me tornei amigo dele. Convivemos junto aqui em S. Paulo durante a revolução de 1924 e dávamos grandes passeios através da cidade em guerra. Nesse tempo o escritor de *L'Or* bebia muito e uma vez, numa festa da alta sociedade, ele foi aos aposentos internos da dona da casa (que é uma das mais altas figuras femininas do país) vestiu-se com as roupas dela e veio ao salão dançar. Imagine-se o escândalo que isso causou numa sociedade refinadíssima de costumes. Também conheci pessoalmente F. T. Marinetti, o fundador do Futurismo. Como nos chamassem aqui, aos escritores modernistas brasileiros, de futuristas, um amigo meu e eu, por brincadeira, escrevíamos cartas de ridículo louvor a Marinetti, e lhe enviávamos livros com dedicatórias bombásticas. Marinetti, em resposta, mandava o retrato, livros, cartas e nos incluiu entre os “futuristas” do mundo, ao lado dos maiores nomes universais. Quando ele passou por S. Paulo fazendo as conferências fui visitar o homem, curioso. Achei-o bastante insignificante, repisando idéias fixas, que já sabia de-cor. Quando ele me perguntou se iria à conferência dele, respondi que não, por não concordar com os processos de propaganda (Marinetti, ou alguém por ele, provocava sempre escândalos preliminares, que abrissem a curiosidade pública), que ele usava. Marinetti ficou bastante atrapalhado com a minha resposta, que no entanto era tão vaga, e acabou respondendo que a culpa não era dele, mas do manager. Em geral conheço poucos escritores de celebridade universal, não só por viver no meu país, como porque os grandes escritores têm necessariamente que ser desilusórios, pois qualquer idéia que têm guardam cuidadosamente, pra que não seja aproveitada pelos que os cercam.

8 — Nunca saí do meu país. Este porém, conheço regularmente, principalmente nas suas partes mais primitivas. Viajei toda a Amazônia, fiz o sertão do Nordeste e toda a parte séc. XVIII de Minas.

9 — Detesto os climas moderados, e por isso vivo pessimamente em S. Paulo. Também não aprecio a civilização, nem muito menos, acredito nela. Tanto o meu físico como as minhas disposições de espírito exigem as

terras do Equador. Meu maior desejo é ir viver longe da civilização, na beira de algum rio pequeno da Amazônia, ou nalguma praia do mar do Norte brasileiro, entre gente inculta, do povo. Meu maior sinal de espiritualidade é odiar o trabalho, tal como ele é concebido, semanal e de tantas horas diárias, nas civilizações chamadas “cristãs”. O exercício da preguiça, que eu cantei no *Macunaíma*, é uma das minhas maiores preocupações.

10 — Quando escrevo fumo constantemente os fumos fortes do meu país. Odeio os fumos preparados europeus. E bebo muito café, bem forte, à maneira paulista. Adoro o café e o fumo. Não tenho nenhum cacoete nem característica quando escrevo, a não ser, encostar de vez em quando a testa no metal da máquina de escrever, e sentir-lhe o friozinho. Também, às vezes, quando o escrito sai com lentidão, acaricio a máquina com a mão direita, como quem passa a mão num cavalo para amansá-lo. Tenho procurado me consertar desse animismo exagerado, mas não consigo. Detesto jogar cinza no chão, tenho perto de 30 cinzeiros em meu studio, e as próprias poltronas dele, desenhadas por mim, cada uma tem um cinzeiro incrustado nela. Jogo porém cinza de cigarro nas peles de onça que trouxe das minhas viagens, porque isso lhes faz bem. Quando estou cansado de escrever, dou longos passeios a pé e sozinho. Detesto a companhia de amigos pra esses momentos, principalmente à noite. Prefiro a solidão, ou sentar-me no banco de algum jardim e puxar conversa com desconhecidos, chomeurs, operários, vagabundos. Tenho colhido de alguns muitas das minhas idéias e fatos. Aliás não tenho nenhum personagem nos meus livros que seja inventado por mim. Todos eles existem ou existiram. E muitas vezes aproximo personagens que nunca se conheceram e faço vivê-los juntos. Por causa de *Fraulein* sou boicotado pelo *Deutsche Zeitung*, jornal alemão de S. Paulo. Muito provavelmente alguns dos personagens alemães, se reconheceram no livro...

11 — É difícil de responder, principalmente porque as condições do meu país são muito outras.

12 — Sou incapaz de odiar, porque sou excessivamente curioso dos homens e da vida pra afastar de mim o que quer, ou quem quer que seja. Minha experiência mais irônica e mais amarga, foi conquistar uma certa fama de indivíduo bastante culto entre os que me chamaram de ignorante e inculto, quando foi das minhas primeiras obras de literatura revolucionária para o Brasil. Não posso lhe dizer o que mais lastimo, porque há muitas coisas na sociedade contemporânea que lastimo com igual intensidade. Minha maior esperança é que se consiga um dia realizar no mundo o verdadeiro e ainda ignorado Socialismo. Só então o homem terá o direito de pronunciar a palavra “civilização”.